



VOZ DA FÁTIMA

Foi há 54 anos que Nossa Senhora se manifestou, em 13 de Outubro, pela última vez na Cova da Iria aos três pastorinhos de Aljustrel. Em todas as suas aparições recomendou a reza do terço diariamente. Por isso, todos nós que A amamos e respeitamos como Mãe, vamos pôr em prática os seus pedidos. Reze-mos o terço, todos os dias, não dando ouvidos aos que combatem esta forma de oração e meditação.

Director e Editor interino: Padre Joaquim Domingues Gaspar

Proprietária e Administradora: «Gráfica de Leiria» — Largo Cónego Maia — Telef. 22336

Composto e impresso nas oficinas da «Gráfica de Leiria» — Correspondência para: P. Joaquim Gaspar — Leiria

ANO XLIX

N.º 589

13 DE OUTUBRO DE 1971

PUBLICAÇÃO MENSAL

Avenida

A Fátima, Capital da Fé

Enquanto decorriam as cerimónias que reuniram na Cova da Iria muitas dezenas de milhares de peregrinos, o P.º Domingos Oliveira da Costa Maia proferiu ao microfone da Rádio Renascença (emissora católica portuguesa) algumas considerações sobre a finalidade e características de que devem revestir-se as vindas de tantos milhares de fiéis ao Santuário de Nossa Senhora.

São palavras que devem ser meditadas e compreendidas e estão na sequência do esforço que, desde há anos, se vem fazendo para a mentalização dos peregrinos e criação duma autêntica pastoral das peregrinações.

O hondoso e conhecido sacerdote do Porto disse ao microfone da R. R.:

Afirmou alguém que assim como Lisboa é a capital da Nação a Fátima é a capital da Fé.

Não podemos deixar de reconhecer uma certa dose de verdade a esta formosa expressão: Fátima capital da Fé.

Nem sempre, talvez, consideremos como sendo das mais válidas todas as manifestações de devoção aqui reveladas: há ingenuidades a pedir esclarecimento; há promessas fúteis a substituir por actos mais ricos de conteúdo espiritual; há infantilismos que devem ser promovidos à maturidade cristã e evangélica; haverá mesmo observâncias e superstições misturadas como o joio no trigo; há abusos e excessos.

No entanto, sejamos cautos! Nada de precipitações em julgar os sentimentos dos nossos irmãos ou suprimir de repente quanto se nos afigure menos recomendável. Há que proceder gradualmente, prudentemente, e ter a preocupação de não destruir sem construir. Não arrancar sem plantar e semear.

De resto, uma religião quimicamente pura, dada a fraqueza e as limitações humanas, não passa duma utopia.

Convimos, no entanto, que urge melhorar, purificar, elevar, valorizar não só a chamada pastoral da Fátima, como a pastoral de todas as peregrinações, a pastoral de todas as manifestações religiosas.

Quem vos fala, neste momento, em recordação saudosa de quase 20 anos de actuação aos microfones da R. R. na Cova da Iria, em 12 e 13 de cada mês, de Maio a Outubro,

incluindo a inauguração da Basílica, deseja afirmar-vos sinceramente:

— Não obstante as deficiências verificadas em certas demonstrações populares, cremos que existe habitualmente uma atitude interior de reverência para com Deus e de amor para com a Virgem, mesmo quando a ignorância religiosa inibe os peregrinos de irem além dos seus ritos exteriores pouco significativos, que importa, repetimos, depurar e elevar.

É certo que, para muitos, sobretudo os rurais do Norte, as peregrinações se confundem bastante com as romarias de certas regiões; convém mentalizar, oportuna e importunamente, essas massas, explicando-lhes a diferença entre uma piedosa romagem e uma romaria galhofeira. Isso mesmo vêm fazendo os padres que actuam aqui no Santuário, os Servitas e as Servitas, os confessores, os pregadores das peregrinações, etc.

Mas essa pastoral exige obra mais vasta de conjunto, nas paróquias, no percurso das peregrinações, nos cursos e reuniões de toda a espécie — a começar pela catequese.

Importa mostrar aos voventes que há outras formas muito mais sensatas e agradáveis a Deus e à Virgem de agradecer benefícios do que recorrendo a sacrifícios desumanos (e teimosos, porque as pessoas se recusam, frequentemente, a fazer a permuta de promessas ridículas ou impossíveis, por outros actos bem mais meritórios).

Há necessidade de convencer as pobres gentes de que determinadas observâncias que prometeram roçam pela superstição. Impõe-se a educação religiosa a todos os níveis. Devemos testemunhar que algo se tem já conseguido, embora falte bastante para se atingir, não dizemos o ideal, mas o aceitável.

* * *

Por outro lado, pedimos licença aos intelectuais para não condenarem em absoluto as formas populares de devoção, mesmo aquelas que parecem carecer de valor objectivo, pois só Deus pode julgar o íntimo das pessoas e avaliar do mérito ou demérito de qualquer acção. Combater a superstição e o excesso, sim. Mas com humildade, compreensão humana, tacto, paciência, persistência e intenção de acertar, construindo e não se limitando a demolir.

Outro testemunho queremos aqui

deixar: talvez as grandes peregrinações mensais tenham diminuído de afluência, nos últimos anos. Em contrapartida, aumenta constantemente o afluxo nas demais épocas e dias, sobretudo aos sábados e domingos, nomeadamente a partir da Páscoa e até meados de Outubro. Certo é que nem todos os visitantes são propriamente peregrinos: ao lado destes abundam os turistas, nacionais e estrangeiros. Mas, enfim, directa ou indirectamente, há sempre uma homenagem à Mãe de Deus e Mãe nossa, que neste lugar se dignou manifestar a sua Mensagem.

É precisamente essa Mensagem que nós desejamos ardentemente que seja compreendida, estudada, assimilada, difundida e executada. Formulamos os melhores votos de que a Fátima, além de centro de culto, se transforme, cada vez mais intensamente, num foco de irradiação espiritual, instrução religiosa, mentalização, cristã e até de ecumenismo, para o Povo de Deus — para nacionais e estrangeiros. E estamos pensando nos inúmeros encontros, retiros, sessões de estudo, cursos e até congressos, de que tem sido teatro a Cova da Iria, e tantas iniciativas similares, previstas para um futuro próximo. Um exemplo apenas: o Seminário Internacional Mariano Católico e Ortodoxo a efectuar dentro de dias, por iniciativa do Exército Azul.

Em suma e a finalizar: Que a Fátima desempenhe na realidade o programa insinuado no princípio desta palestrazinha: seja a Capital da Fé.

P. COSTA MAIA

Louco de Maria e Mártir de Cristo

NO domingo, dia 17 de Outubro, o Santo Padre Paulo VI elevará às honras dos altares com o título de *Beato* um dos maiores devotos e apóstolos de Maria nos últimos tempos, o franciscano polaco P.º Maximiliano Kolbe.

Nos arredores de Varsóvia construiu a *Cidade da Imaculada*, onde cerca de mil pessoas trabalhavam exclusivamente para propagar pelo mundo as glórias de Maria. Dali saía o *Cavaleiro da Imaculada* — jornal com mais de um milhão de exemplares — estampas, folhetos, livros e medalhas; ali funcionava também uma emissora de rádio.

No desejo de incendiar o mundo no amor da Virgem Imaculada, a 24 de Abril de 1930, chega ao Japão, onde constrói nova *Cidade da Imaculada*, semelhante em tudo ao modelo da Polónia. Em breve tempo as edições e programas progredem em ritmo vertiginoso. Dá também os primeiros passos para fundar obras semelhantes na Índia e na Malásia. Em 1936 retorna à Polónia, onde é nomeado Superior da *Cidade da Imaculada*.

Devido a este seu tão intenso apostolado católico e mariano, é preso pela terrível polícia alemã «Gestapo» e internado no campo de concentração de Pawiak. Tanto neste como no de Auschwitz, para onde é transferido, o santo sacerdote, às escondidas, conforta os seus companheiros, confessa-os e prepara a muitos para a morte.

— Olha para a Imaculada — diz-lhes. Ela é a consoladora dos aflitos; ama-nos, ouve-nos e ajuda-nos a todos.

A paga de tanta caridade foram castigos muito semelhantes à Paixão de Cristo. Qual a reacção do P.º Maximiliano?

— Meus amigos, — exclamava no fim dos tormentos — devem alegrar-se comigo. Foi pelas almas e pela Imaculada!

Nos fins de Julho de 1941 desapareceu do campo de concentração um preso polaco. O comandante resolveu vingar-se e dar uma lição para que mais ninguém

● Continua na página 4

COMPOSTURA NO SANTUÁRIO

Foram colocados nas entradas do recinto do Santuário e outros locais, para conhecimento de todos, avisos com instruções sobre a forma de vestuário que os peregrinos devem ter para visitar o local das aparições de Nossa Senhora.

Já existiam estes avisos mas os de agora estão acrescentados no que diz respeito às senhoras, que não deverão entrar em mini-saia nem de calções («hot-pants»).

Nos avisos colocados em quadros de ferro artístico diz-se que os homens não devem entrar em calções, que não fumem no recinto, que tenham a cabeça descoberta durante a sua permanência no Santuário.

Estas observações dizem respeito não só à Capela das Aparições, Basílica e outros templos, como a todo o recinto (a grande esplanada onde se costumam realizar as cerimónias ao ar livre), às Casas dos Retiros e Hospitais.

Os avisos estão escritos, além da língua portuguesa, em francês, espanhol, inglês e alemão.

Vão ser também colocados mapas assinalando os vários locais de interesse para os peregrinos.

Mensagem do Santo Padre para o Dia Mundial das Missões

(24 de Outubro)

As Missões, obra de todo o Povo de Deus

Amados filhos
Irmãos em Cristo
Queridos Missionários

É assim que o Papa se dirige a vós, reconhecendo com respeito e admiração a dignidade apostólica que aprouve a Nosso Senhor Jesus Cristo conferir a cada um dos seus discípulos, do maior ao mais pequeno.

Quando chegar a vós esta Mensagem para o Dia Mundial das Missões, compreenderéis certamente que ela não procede apenas do Papa, como de uma pessoa isolada, que tenha de carregar sozinho com todo o peso da responsabilidade missionária que, ao contrário, desde o princípio, aparece como «empenho que incumbe a toda a Igreja» (AG. 5). Com efeito, o mandato de Cristo de «ir pelo mundo inteiro, pregar o Evangelho a toda a criatura» (Marc. 16, 15), dado aos Apóstolos «foi herdado pela Ordem dos Bispos, coadjuvados pelos sacerdotes, em união com o sucessor de Pedro» (AG. 5).

É por isso que, neste Dia das Missões, não é somente em nome pessoal que nos dirigimos a vós, mas também enquanto porta-voz dos nossos irmãos no episcopado do mundo inteiro, com os quais temos a alegria de estar unidos pelos mais estreitos laços da caridade e por uma feliz solidariedade colegial.

Os pastores do rebanho de Cristo, servos de todos os servos de Deus, desejam que vós partilheis com eles neste dia este maravilhoso pensamento: que eles e vós sejais os membros duma Igreja missionária, duma Igreja cuja razão de ser é fazer conhecer a toda a humanidade o Evangelho da salvação.

O Povo de Deus é um povo missionário. Cristo poderia ter pedido ao Pai, e tê-lo-ia imediatamente conseguido, «mais de doze legiões de anjos» (Mt. 26, 53) para anunciar ao mundo a redenção. Em lugar disso, foi a nós que Cristo deu esta tarefa e este privilégio, a nós «os últimos de todos os santos» (Ef. 3, 8) que somos verdadeiramente indignos de ser chamados apóstolos (Cf. I Cor. 15, 9). Propositadamente, para anunciar à humanidade a Boa Nova, ele não quis servir-se doutra voz senão da nossa. Foi a nós que foi dada esta graça de «pregar aos pagãos as insondáveis riquezas de Cristo» (Ef. 3, 8).

Cabe-nos, pois, a nós pregar o Evangelho neste extraordinário período da história humana, como jamais, certamente, se conheceu outro, em que as realizações atingiram pela primeira vez cumes de progresso, que não têm por iguais senão os abismos, também eles sem precedentes, de perplexidade e de desespero. Se houve alguma vez um tempo em que os cristãos são chamados, mais que em qualquer outro, a ser uma luz que ilumina o mundo, uma cidade situada na colina, um sal que dá sabor à vida dos homens (Cf. Mt. 5, 13-14), é precisamente o actual. Porque nós possuímos o antídoto contra o pessimismo, os sinistros preságios, o desânimo e o medo que afligem o nosso tempo.

Nós temos a BOA NOVA!

E cada um de nós, pela sua própria qualidade de cristão, deve sentir-se levado a difundir esta Boa Nova até às extremidades da terra. «Nós não podemos deixar de dizer o que vimos e ouvimos» (Act. 4, 20).

Nenhum cristão — seja ele Papa, bispo, sacerdote, religioso ou leigo — pode renunciar à sua responsabilidade no que toca a este dever essencial do cristão. Com certeza recordais a insistência com que o recente Concílio Ecuménico lembrou que «a todo o discípulo de Cristo incumbe a sua parte no encargo de espalhar a fé» (AG. 23). «Todos os filhos da Igreja devem ter uma viva consciência da sua responsabilidade perante o mundo... e gastar as suas forças na obra da evangelização» (AG. 36).

Sobre este ponto, é necessário termos ideias muito claras: Cristo deu aos seus

Apóstolos uma ordem que é tão concreta e tão explícita que fica excluída toda a possibilidade de dúvida sobre as suas intenções. Eles devem ir pelo mundo inteiro (sem excluir nenhuma das suas partes) e pregar o Evangelho a toda a criatura (sem excepção de raça ou de tempo).

Ainda hoje é Cristo que passa em cada um dos Seus missionários

A Boa Nova consiste nisto: Deus amamos, fez-Se homem para partilhar a nossa vida e para que nós partilhemos a Sua. Ele caminha connosco, em cada passo do nosso caminho, fazendo Suas todas as nossas preocupações, porque Ele toma cuidado de nós (Cf. I Pd. 5, 7); e é por isso que os homens não estão sós, porque Deus está presente na sua história, tanto na dos povos como na dos indivíduos; e Ele nos conduzirá, se não Lhe pusermos obstáculos, a uma felicidade eterna superior a toda a esperança humana.

Sem dúvida ouvireis repetir esta objecção, que parte de pessoas bem intencionadas: Mas, e os que têm fome, os economicamente débeis, as vítimas da opressão, da injustiça? Será razoável, será mesmo na verdade caridoso, não será antes fazer-lhes afronta, ir falar-lhes duma felicidade futura? Não seria melhor que os Cristãos os ajudassem a atingir um nível de vida «humano», em vez de lhes falar duma vida futura no Céu?

Mas Cristo, que foi Ele próprio «consagrado pela união para pregar a Boa Nova aos pobres... e restituir a liberdade aos oprimidos» (Lc. 4, 18), não quer que nós excluamos os pobres e os abandonados — como também qualquer homem, seja qual for a raça, cor, tribo ou condição humana a que ele pertença — da alegria de escutarem a Boa Nova do Evangelho.

Fiéis ao Seu espírito, os nossos missionários jamais pensaram em separar o amor de Deus do amor da humanidade, e ainda muito menos em opô-los um ao outro. Quando eles edificam o Reino de Deus, trabalham sempre ao mesmo tempo por melhorar a condição terrestre do homem. E deve afirmar-se bem alto que a doce mensagem do Evangelho nunca, ao longo da experiência da Igreja, foi considerada como afronta pelos pobres ou oprimidos.

Sem pretender intervir «para propor um modelo pre-fabricado» de civilização (*Octogesima Adveniens*, 42), os arautos da Boa Nova levam aos povos (na fidelidade ao património do ensinamento de Cristo e no respeito pelas suas diversas culturas), o que eles creem ser «a única, a verdadeira, a mais alta interpretação da vida humana, no tempo e para lá do tempo: a interpretação cristã» (*Discurso no Parlamento da Uganda*, 1 de Ag. 1969, AAS LXI (1969) p. 582). É que eles acreditam que «Cristo, que morreu e ressuscitou por todos, pode, graças ao Seu Espírito, proporcionar a cada homem a luz e a força para corresponder ao seu destino supremo» (GS.10). A Evangelização, dando resposta às mais nobres aspirações do homem, torna-se também um fermento de desenvolvimento.

Verifica-se, assim, a necessidade permanente da pregação do Evangelho, a fim de apresentar ao homem a razão última dos seus esforços pelo desenvolvimento: «O reconhecimento, por parte do homem, dos valores supremos e de Deus que é deles a fonte e o fim... a fé, dom de Deus, aceite pela boa vontade do homem, e a unidade na caridade de Cristo, que a todos nos chama a participar como filhos na vida do Deus vivo, Pai de todos os homens» (PP. 31).

O mundo de hoje tem fome de Deus

Talvez nunca como hoje o mundo tenha sentido uma necessidade assim de valores espirituais, e, estamos disso convencido, jamais esteve tão disposto a acolher a sua proclamação. Com efeito, as nações do mundo mais abastadas estão a descobrir que, pelo que lhes toca, a felicidade não consiste em possuir muitos bens; estão a

aprender, por uma amarga «sensação de vazio», quão verdadeiras são as palavras do Senhor: «O homem não vive só de pão, mas de toda a palavra que procede da boca de Deus» (Mt. 4, 4).

Devemos dizer aos homens, e repetir-lho sem cessar, que «a chave, o centro e o fim de toda a história humana se encontra em Cristo, nosso Senhor e Mestre» (GS. 10). Devemos dizer-lhes que isso é verdade não apenas para os crentes, mas se aplica a todos os homens pelos quais Jesus Cristo morreu e cuja vocação é, no final de contas, corresponder ao designio de Deus: «reunir todas as coisas em Cristo, quer as do céu quer as da terra» (Ef. 1, 10).

Somos mendigos de Deus

Devemos convidar todos os homens a juntar-se ao Povo de Deus, a Sua Igreja, essa sociedade de esperança sempre em expansão, capaz de olhar com confiança para o futuro, sem fechar os olhos ao presente. Na verdade, ela (a Igreja) considera que o presente não tem sentido, nem preço, nem valor, senão pela sua relação com o futuro, e, por consequência, é com tanta mais energia e convicção que ela se pode comprometer com o presente.

Não, «nós não nos envergonhamos do Evangelho» (Rom. 1, 16). Não, nem o Papa nem os Bispos se envergonham de mendigar os auxílios que permitam propagar o Evangelho. Se, portanto, neste Dia das Missões, vós os vedes estender a mão e pedir-vos esmola por amor de Deus e do próximo, que isso vos não surpreenda nem escandalize.

Não solicitou o próprio Cristo aos que o cercavam os meios para fazer o bem? Não alimentou Ele a multidão com uns poucos de pães que um rapazinho Lhe forneceu? Não pediu Ele a barca de um pescador para dela se servir para distribuir ao povo a palavra de vida? Não aceitou Ele, pra Si e para os discípulos, a ajuda que as santas mulheres Lhe davam à custa dos próprios recursos? Não foi sobre um jumento pedido emprestado que Ele avançou para o lugar da Sua Paixão? E não dependeu Ele dum homem rico, até mesmo para a sepultura onde se operou a Sua Ressurreição? Queremos confiar-vos a vós e a todos os fiéis — todos vós sois nossos colaboradores no divino mandato que nos foi dado de tornar conhecida a Boa Nova — uma coisa que é para nós motivo de vergonha e confusão. Sentimo-nos na impossibilidade de prover adequadamente às necessidades dos missionários da Igreja e prestar um auxílio suficiente às muitas obras boas de religião e de caridade que eles incessantemente empreendem.

Estes missionários comprometeram-se para a vida inteira ao serviço do Evangelho. É em nosso lugar que eles partem para o meio dos povos. É em nosso nome que eles dão cumprimento à ordem de «pregar o Evangelho a toda a criatura» (Mt. 16, 15). Por mais que lhes dêssemos, não conseguiríamos satisfazer a dívida que temos para com estes homens e estas mulheres, mas devemos, pelo menos, proporcionar-lhes o pão de cada dia e prover às necessidades que resultam das suas diversas obras.

Para muitos de nós, que não podemos ir pessoalmente levar a Boa Nova aos povos da terra, é esta muitas vezes a única maneira de cumprir o dever missionário que incumbe a todos os cristãos. A nossa oração incessante atrai a graça divina sobre as empresas dos nossos missionários; os nossos sacrifícios livremente oferecidos e os sofrimentos aceites com alegria abrem-lhes muitas portas.

A estes subsídios espirituais devemos acrescentar generosas esmolas, porque nas actuais condições da nossa existência terrena, a ajuda material é, também ela, necessária.

As Obras Missionárias Pontifícias, modo ideal de auxiliar as Missões

Há mais de um século e meio que a organização deste auxílio da parte dos fiéis

foi confiada a um organismo de caridade chamado Obras Missionárias Pontifícias (ou também Auxílio do Papa às Missões). É por meio destas Obras Pontifícias que em cada país, sob a orientação de zelosos Directores Nacionais, propostos pelos Bispos, são recolhidas em cada ano as ofertas do Povo de Deus, principalmente nos peditórios paroquiais do Domingo das Missões.

Estas ofertas são reunidas num fundo único e depois distribuídas às Missões. Desta forma, as vossas contribuições, dadas com generosidade e boa vontade, em resposta ao apelo do Papa, são aplicadas sem demora às necessidades diárias dos nossos missionários, para a construção de igrejas, escolas, hospitais, seminários, noviciados; alimentação dos famintos, alívio dos que sofrem, socorro nos casos de emergência.

É porém, infelizmente, um facto que as Obras Pontifícias actualmente não podem atender senão a uma pequena parte dos numerosos pedidos de auxílio. Não é que as vossas ofertas se tenham tornado menos generosas; mas antes em consequência da rapidez com que a evangelização progrediu e da considerável expansão das obras de desenvolvimento social, empreendidas pelos missionários.

Contudo, julgamos ser nosso dever instar com todos e cada um dos fiéis católicos para que façam sacrifícios ainda maiores pela Fé, e não só aqueles que se encontram em situação de prosperidade, mas mesmo aqueles que, como a viúva tão louvada por Cristo, teriam que «tirar da sua pobreza» (Mc. 12, 44). Desta maneira, parecer-nos-emos mais à primeira comunidade cristã da qual se diz que «ninguém considerava como exclusivamente seu aquilo que possuía» (Act. 4, 32).

Da mesma forma que nessa primavera da Igreja «a multidão dos crentes não tinha senão um só coração e uma só alma», assim deve ser a multidão dos crentes de hoje: sociedade não somente de esperança, mas também de fé e caridade. É evidente que não devemos ser senão um com os nossos missionários, esses apóstolos do nosso tempo, que, em nosso nome, vão até aos confins da terra, para «dar a conhecer a todos os homens o plano do mistério escondido nos séculos em Deus», (Ef. 3, 9) para «revelar a superabundante riqueza da Sua graça pela Sua bondade para connosco em Cristo Jesus» (Ef. 2, 7).

Devemos estar unidos e ser solidários com eles, na urgência do apostolado cristão, de modo que eles possam «com grande fortaleza dar testemunho da ressurreição do Senhor Jesus» (Act. 4, 33). E não deixaremos assim de cumprir com aquilo que todo o coração cristão deve sempre desejar ardentemente fazer em favor dos seus irmãos: «conhecer o amor de Cristo que supera todo o conhecimento», de modo que «possam» estar cheios da própria plenitude de Deus» (Ef. 3, 19).

Uma bênção para todos os que trabalham pelas Missões

Ao exprimir a todos vós estes nossos pensamentos, caros filhos e filhas, invocamos sobre vós a graça e a virtude do Senhor, a fim de que possais permanecer fiéis à vossa vocação na Sua Igreja missionária. E a vós, nossos missionários muito amados espalhados pelo mundo, dirigimos, com profundo afecto, uma saudação muito especial em Jesus Cristo, a Quem servis no amor, no sacrifício e na alegria. A vós todos que colaborais com Ele para a edificação do Seu Reino «Reino de verdade e de vida, de santidade e de graça, de justiça, de amor e de paz» (*Prefácio da Festa de Cristo Rei*) — nós vos concedemos de todo o coração, neste Dia Mundial das Missões, a nossa Bênção Apostólica.

Vaticano, 25 de Junho de 1971

PAULO VI, PAPA

Vida do Santuário

JULHO

DOIS JOVENS AMERICANOS VIERAM CASAR NO SANTUÁRIO

Dois jovens residentes na cidade de Cleveland resolveram realizar o seu casamento no Santuário de Nossa Senhora da Fátima.

Rodger Kowall e Patricia L. Hill, ele comerciante e ela florista, pediram aos pais que lhes dessem o dinheiro que haveriam de gastar na boda para a viagem a Portugal, trataram dos respectivos documentos junto do bispo da sua diocese e partiram para a Fátima, para aqui, junto do altar da Virgem, unirem os seus destinos.

Chegados ao Santuário dirigiram-se ao Sr. Bispo de Leiria a quem entregaram os documentos do seu Bispo e, munidos da respectiva autorização, casaram sob a presidência do P.º Francisco, superior da Congregação dos Padres Marianos da Fátima, e que, como a noiva, é de ascendência polaca.

Ela apresentou-se no altar de vestido comprido, às flores encarnadas, coberto com um avental de renda, traje característico dos seus antepassados, e ele de fato claro.

Depois da cerimónia, presenciada por muitas pessoas, os noivos partiram para Sintra e daí iniciaram a viagem de regresso à sua terra, cheios de felicidade.

NOVO SUPERIOR PROVINCIAL DA CONSOLATA EM PORTUGAL

No dia 31 de Julho, estiveram reunidos na Fátima todos os padres do Instituto Missionário da Consolata, a fim de elegerem o novo Provincial, função exercida até então pelo Rev.º P.º Jaime Marques, natural da Diocese de Leiria.

A eleição recaiu no Padre Augusto Fatela. O Superior Geral de Roma confirmou esta eleição.

O Padre Fatela nasceu em Meimoa, concelho de Penamacor, em 13 de Julho de 1925, e é filho de António Fatela e de Filomena Soares.

Fez os estudos em Beja e frequentou o Seminário dos Olivais até ao 2.º ano de Teologia, entrando depois para o Instituto da Consolata. Terminou os estudos teológicos na Itália e foi ordenado sacerdote na Fátima em 1 de Julho de 1956.

Desde então, o novo Provincial dedicou toda a sua vida em diversas missões: professor e assistente durante 5 anos no Seminário da Fátima, superior dos Seminários que o Instituto tem em Águas Santas e no Cacém, professor de Moral na Escola Académica e Assistente religioso na Penitenciária.

Convidado pelo Cardeal Léger, foi para Montreal, no Canadá, ajudar a fundação da Paróquia Portuguesa para emigrantes e aqui trabalhou durante três anos com seu irmão, P.º Frederico Fatela, e onde fez um curso de Pastoral na Faculdade Dominicana.

Voltando para Portugal, foi nomeado Superior do Seminário das Missões da Consolata da Fátima, onde se conservou até ao ano findo em que passou a dirigir o Hotel Pax, fundado por este Instituto para conseguir meios de auxílio aos 4 Seminários existentes em Portugal.

O Instituto da Consolata tem missionários por diversas dioceses do Ultramar. A quase totalidade dos padres que trabalham na diocese de Vila Cabral pertence a este Instituto.

O P.º Augusto Fatela, actual Superior Provincial da Consolata, tem 3 irmãos sacerdotes: P.º Manuel, Pároco de Caria, P.º Frederico, actual Pároco dos emigrantes portugueses na cidade de Montreal, no Canadá, e P.º Joaquim Fatela, fundador e superior da bem conhecida «Casa do Estudante» de Beja.

São os Padres da Consolata que têm a seu cargo as Paróquias da Serafina e Campolide da cidade de Lisboa. É também nesta cidade que tem a Casa Provincial do Instituto.

AGOSTO

REUNIÃO DE RELIGIOSAS

Estiveram na Fátima 290 religiosas, provinciais, superiores locais, directoras

de estudos, mestras de noviças e outras com cargos directivos, de 35 Congregações e Institutos religiosos da Metrópole, Açores e Madeira e algumas do Ultramar. Esta reunião foi organizada pela Federação Nacional dos Institutos Religiosos Femininos.

Durante várias conferências o Rev. Dr. António José Rafael, director dos Cursos de Crismandade e da Formação Pastoral da Diocese de Lamego, tratou da formação espiritual das religiosas na actual fase reformativa do II Concílio do Vaticano, e o Rev. Irmão Carlos, provincial da Congregação Marista da Espanha, proferiu várias lições sobre o tema «Psicologia e Evangelho». Tanto umas como outras foram seguidas com o maior interesse pelas religiosas.

O Sr. D. Florentino de Andrade e Silva, Bispo de Heliossebasto, celebrou missa para participantes na reunião.

Antes houve a assembleia geral da Federação dos Institutos Femininos para eleição dos cargos directivos: foi reeleita presidente a Priora Geral das Irmãs Dominicanas Portuguesas, Madre Maria do Sagrado Coração de Jesus Valente. Para Vice-Presidente foi eleita a Madre Furtado Martins, Superiora da Congregação de Santa Doroteia, e para secretária a Irmã Maria de Jesus Hóstia, da Congregação das Franciscanas Hospitalares da Imaculada Conceição, e para tesoureira a Irmã Aurélia de Azevedo Damas, da Congregação das Servas de Nossa Senhora da Fátima.

MARIÁPOLIS 71

Realizou-se, de 2 a 6, a Mariápolis - 71 do movimento dos Focolores e que reuniu 750 pessoas, entre as quais 70 sacerdotes e 70 religiosas. Fizeram-se representar oito países: Portugal, Filipinas, Itália, Brasil, Holanda, Espanha, Hong-Kong e China.

Durante 4 dias estas centenas de pessoas demonstraram com factos, com testemunhos e com vivências, que na Mariápolis (Cidade de Maria) reina a caridade, não se distinguindo nem ricos nem pobres, nem culto nem ignorante, nem preto nem branco, existindo apenas irmãos, membros da mesma família — a Igreja.

O movimento dos focolores foi iniciado durante a última guerra na cidade italiana de Trento e encontra-se espalhado actualmente por todo o mundo.

No 4.º dia do encontro o Sr. Bispo Auxiliar de Leiria celebrou missa e dirigiu palavras de esperança aos participantes da Mariápolis.

Foi lida uma mensagem do Patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro.

PEREGRINAÇÃO ITALIANA

Veio à Fátima um grupo de 45 peregrinos de várias partes da Itália presidido pelo Cardeal José Paupini, da Cúria Romana, que já havia estado na Fátima quando Núncio Apostólico na Colômbia. O Cardeal Paupini celebrou missa na Capela das Aparições.

FALECEU UMA IRMÃ DA LÚCIA

Na sua residência na Cova da Iria, faleceu, no dia 7, a Sra. Glória de Jesus, irmã da vidente Lúcia, que é presentemente religiosa carmelita em Coimbra.

Tinha 72 anos e era casada com o Sr. Francisco Inácio Vieira. Era mãe de quatro filhos: Noé Francisco Vieira, inspector do Tráfego da Aeronáutica Civil, Maria Rosa e Preciosa Vieira, e José Maria Vieira, comerciante.

Foi uma das primeiras pessoas a fixar residência na Cova da Iria, logo depois das Aparições de Nossa Senhora, e foi a proprietária do terreno onde se encontra a Capela das Aparições.

O seu funeral realizou-se para o cemitério paroquial da sede da freguesia sob a presidência do Rev.º Cônego Carlos de Azevedo, representante do Sr. Bispo de Leiria.

PEREGRINAÇÃO CORDIMARIANA

Com a presença de cerca de cinco mil peregrinos de diversos pontos do País, efectuou-se, nos dias 7 e 8, a peregrinação anual organizada pelos Missionários do Coração de Maria para comemorar o centenário do nascimento de Santo António Maria Claret, fundador desta Congregação.

Presidiu aos actos o Rev.º P.º Manuel Lopes, vigário do Apostolado da Congregação Cordimariana. Realizou-se a procissão de velas, hora santa e missa celebrada por 7 sacerdotes das Casas que a Congregação possui em Lisboa, Porto, Carvalhos, Setúbal, Cacém e Fátima.

As cerimónias terminaram com a procissão do adeus com a imagem de Nossa Senhora.

SACERDOTES DE TRÊS DIOCESES EM REUNIÃO

Os sacerdotes que frequentaram o curso de 1942/46 no Seminário dos Olivais reuniram-se no Santuário para uma celebração a que presidiu Mons. Aníbal Ramos, vigário-geral e reitor do Seminário

Peregrinações Mensais de Agosto e Setembro

Como nos anos anteriores, a peregrinação de 12 e 13 de Agosto é dedicada à diocese de Leiria. Convidadas pelo seu Bispo, as 67 freguesias da diocese peregrinaram para a Fátima para orarem pelas necessidades da Santa Igreja, em especial pelo bom resultado do Sinodo Episcopal e dos Congressos Mariano e Mariológico Internacionais em curso na cidade de Zagrebe, na Jugoslávia. Com a diocese de Leiria vieram muitos milhares de emigrantes que se encontram no País a passar férias.

Realizou-se ainda nestes dois dias a peregrinação anual da Polícia de Segurança Pública com a participação de 1.047 guardas de todos os distritos e uma representação do Ultramar.

Para tomar parte nas cerimónias comemorativas do milénário da Hungria, centenas de húngaros de diversos países da Europa e da América juntaram-se na Cova da Iria e assistiram à peregrinação. Também tomaram parte nas cerimónias muitas centenas de peregrinos da França, Espanha, Irlanda, Inglaterra, Jugoslávia, Líbano, Itália, Áustria e outras nações.

As cerimónias do dia 12 constaram de via-sacra para o «calvário húngaro», logo de manhã, com uma concelebração de 25 sacerdotes presidida pelo Sr. D. João Pereira Venâncio. À tarde, efectuou-se a entrada solene dos peregrinos de Leiria, missa vespertina, e, à noite, hora santa com pregação pelo Rev.º P.º Vítor Feitor Pinto, assistente nacional da J. E. C., e procissão eucarística pelo recinto.

Durante a noite, houve turnos de adoração ao Santíssimo feitos pela Polícia de Segurança Pública e pelas freguesias da diocese de Leiria.

Às 6 horas e meia do dia 13, houve concelebração e distribuição da sagrada comunhão a mais de 22.000 pessoas.

Às 10 horas, toda a multidão se congregou no recinto para tomar parte na procissão com a imagem de Nossa Senhora, desde a Capelinha para o altar exterior da Basilica. No cortejo tomaram parte os Bispos de Leiria e de São Dinis (Paris), muitos sacerdotes, guardas da P. S. P. que conduziram o andor com a imagem e muitos milhares de peregrinos. Muitos estandartes, entre os quais alguns da Hungria, com meninas deste País com seus trajes característicos e doutros países, abriam a procissão e colocaram-se junto do altar.

Efectuou-se uma grandiosa concelebração de 80 sacerdotes de várias nacionalidades presidida pelo Sr. Bispo de Leiria e na qual participaram os bispos de S. Dinis e de Vila Cabral.

Em lugar especial tomaram parte os comandantes geral e distritais e comissários e graduados da Polícia e o capelão-chefe, P.º Lúcio do Rego Marçal, e outras entidades, entre as quais a Câmara de Vila Nova de Ourém com o estandarte do Município.

Ao ofertório, a matéria do santo sacrifício

de Aveiro. Compareceram na reunião 15 sacerdotes das dioceses de Lisboa, Portalegre e Aveiro, e que exercem actualmente os cargos de Párcos, professores de Seminário, etc.

Depois da concelebração, os sacerdotes reuniram-se num almoço de confraternização.

VIGÁRIO APOSTÓLICO DO PARAGUAI

Celebrou missa na Capela das Aparições Mons. Alejo Obelar Colmán, S. D. B., vigário apostólico de Chaco, no Paraguai.

REUNIÃO DA UNIÃO APOSTÓLICA DO CLERO

Esteve no Santuário o Padre João Esquerda, de nacionalidade espanhola, Presidente Internacional da Obra de formação espiritual do clero — União Apostólica do Clero — que veio de Roma para presidir à reunião dos directores nacional e diocesanos desta Obra, no nosso País.

Além do director nacional, P.º José Vicente do Carmo, estiveram quase todos os directores diocesanos.

foi conduzida ao altar pelo arquiduque José de Habsburgo da Áustria e por um seu filho.

A oração dos fiéis foi pronunciada em várias línguas e ao evangelho falou aos peregrinos o P.º Vítor Feitor Pinto.

Os diocesanos de Leiria depuseram nesta altura junto do altar muitas centenas de alqueires de trigo para serem transformados em hóstias a distribuir durante o ano no Santuário.

No fim da missa, o Prelado de Leiria recitou a consagração a Nossa Senhora. O Bispo de S. Dinis deu a bênção do Santíssimo Sacramento a algumas dezenas de enfermos, enquanto a multidão rezava pela sua cura e por outras intenções.

No fim da missa, o Sr. Bispo de Leiria agradeceu a presença de tantos milhares de seus diocesanos e de peregrinos estrangeiros e fez uma referência especial ao Bispo de S. Dinis que tem na sua diocese 30.000 portugueses emigrantes. Este, por sua vez, proferiu palavras de saudação na língua portuguesa.

As cerimónias terminaram com a procissão do adeus.



Muitos milhares de peregrinos tomaram parte nas cerimónias, nos dias 12 e 13 de Setembro.

Presidiu aos actos o Sr. Bispo de Leiria, D. João Pereira Venâncio, e neles tomaram parte o seu auxiliar D. Domingos de Pinho Brandão e D. André Muaca, Bispo auxiliar de Luanda, que como Prelado veio à Fátima pela primeira vez.

Efectuou-se no dia 12, de noite, a procissão eucarística pelo recinto. Antes, fez meditações apropriadas o Rev.º P.º Vítor Feitor Pinto, assistente da Acção Católica de Lisboa.

No dia 13, efectuou-se a habitual procissão com a imagem de Nossa Senhora para o altar exterior da Basilica onde se realizou uma concelebração de 16 sacerdotes sob a presidência do Senhor Bispo de Leiria e em que tomaram parte os Srs. D. Domingos de Pinho Brandão e D. André Muaca.

O P.º Vítor Pinto fez a homilia aos peregrinos e, no fim da missa, depois da renovação da consagração ao Imaculado Coração de Maria, o Senhor Bispo auxiliar de Luanda deu a bênção a algumas dezenas de doentes que se encontravam na colunata onde assistiram a todas as cerimónias.

Na peregrinação tomaram parte dois grupos de apostolado: o Movimento Cor Unum «Apostolado do Imaculado Coração de Maria», e a Arquiconfraria do Imaculado Coração de Maria, de Lisboa. Estes dois grupos tiveram hora de adoração, na noite de 12 para 13. Ao primeiro presidiu o P.º Olavo Teixeira, dos Missionários do Espírito Santo, e ao segundo presidiu o P.º José Raposo, S. J. Este último dirigiu a seguir, um retiro espiritual no Santuário em que tomaram parte cerca de 70 pessoas. — SIS

Ordenação de 29 Sacerdotes do Opus Dei Louco de Maria

Vem da 1.ª página

Na Basílica Pontifícia de São Miguel, em Madrid, receberam as Sagradas Ordens, no dia 15 de Agosto, 29 sacerdotes do Opus Dei. Os novos sacerdotes procedem da Argentina, Brasil, Costa Rica, Espanha, Estados Unidos, França, Guatemala, Irlanda e Portugal. Possuem todos um curso universitário, além dum doutoramento eclesiástico.

Os sacerdotes do Opus Dei que são, por vocação, sacerdotes diocesanos em qualquer diocese onde se encontrem, chegam à ordenação sacerdotal depois de terem realizado os seus estudos universitários e exercido as suas respectivas profissões. São médicos-sacerdotes, engenheiros-sacerdotes, advogados-sacerdotes, etc. Além de atenderem espiritualmente os sócios da Obra e as actividades apostólicas desta Associação, estendem a sua acção sacerdotal a todas as pessoas com quem convivem, sejam ou não católicas.

Embora o Opus Dei tenha sido fundado em 1928 por Mons. Escrivá de Balaguer, em Madrid, é a partir de 1944 que dentro da Associação começam a surgir as vocações sacerdotais, que hoje se contam por centenas, de homens feitos, já com bastantes anos de dedicação a Deus e à sociedade no exercício da sua profissão civil. São sacerdotes que não constituem nenhuma classe à parte, mas que se colocam ao serviço do Opus Dei e de toda a gente, para dar a boa doutrina, o conselho prudente, o perdão dos pecados e a graça dos Sacramentos.

«Nós, os sacerdotes, não temos direitos: gosto de sentir-me servidor de todos, e orgulho-me desse título. Temos exclusivamente deveres e nisto reside a nossa alegria: o dever de ensinar o catecismo às crianças e aos adultos; o dever de administrar os Sacramentos e de visitar os doentes e os saos; o dever de levar Cristo aos ricos e aos pobres; o dever de não deixar abandonado o Santíssimo Sacramento — Cristo realmente presente no sacramento sob a aparência de pão; o dever de bom pastor das almas, que trata da ovelha doente e procura a que se perdeu, sem deitar contas às horas que tenha de passar no confessional...» (Mons. Escrivá, Fundador do Opus Dei).

O OPUS DEI EM PORTUGAL

Em Portugal o Opus Dei dirige ou de algum modo atende espiritualmente obras apostólicas de diversas naturezas.

Assim por exemplo, nas três cidades universitárias do Continente, orienta seis residências de estudantes: Três masculinas — Avenidas (Lisboa), Beira (Coimbra) e Boavista (Porto), e três femininas — Álamos (Lisboa), Arcos (Coimbra) e Carvalhosa (Porto). Nestas residências, levam-se a cabo actividades que visam a valorização cultural e profissional dos

universitários, tais como colóquios, cursos de Orientação Profissional e de Métodos de Estudo. Realizam-se também actividades de formação espiritual (conferências, colecções, etc.), destinadas a pessoas dos mais variados sectores sociais.

Na sequência da obra social destas residências universitárias, existem clubes juvenis para rapazes e raparigas liceais.

Em Miramar, a poucos quilómetros do Porto, o Opus Dei orienta o Centro de Convívios de Enxomil, por onde, ao longo do ano, passam pessoas de todas as profissões e condições sociais, a fim de participarem em cursos, retiros espirituais e convívios. Anexo a este centro, a Secção Feminina da Obra desenvolve uma notável acção de promoção social da mulher do campo. Em tudo semelhante ao de Enxomil, o Centro de Convívios do Almarçor, em Montemor-o-Novo (Alentejo), iniciou já também as suas actividades, apesar de se encontrar ainda em primeira fase de construção.

A «Associação de Cultura e Desporto Novo Horizonte», em Lisboa, e o «Mira Clube», no Porto, associações em que colaboram sócios do Opus Dei, juntamente com outras pessoas, dirige-se especialmente à promoção educacional, cultural e humana da juventude das classes mais desfavorecidas. Através de aulas do Ciclo Preparatório e do ensino secundário que aí se ministram, de visitas de estudo, de convívios, de actividades de campismo, etc., essas associações vão beneficiar um vasto número de jovens que, de outro modo, ficariam reduzidos ao grau mais rudimentar da instrução e da formação profissional e humana.

A acção do Opus Dei estende-se ainda em Lisboa ao centro de formação profissional Miramar, e em Viseu a uma escola de empregadas domésticas.

Pela repercussão que encontra no meio eclesiástico não deve deixar de fazer-se menção expressa à assistência espiritual que o Opus Dei proporciona aos sacerdotes, em várias dioceses do país.

Os encargos económicos das actividades promovidas pelo Opus Dei são suportados, antes de mais, pelas pessoas interessadas em cada uma dessas actividades concretas. É evidente, contudo, que estas receitas nunca são suficientes para cobrir todas as despesas, sobretudo se se tiver em conta que todas as iniciativas do Opus Dei têm um carácter social, educativo e benéfico, sendo pensadas com critério apostólico e dirigindo-se, a maioria delas, a pessoas de fracos recursos que, muitas vezes, pagam pela formação profissional, cultural, etc., que se lhes proporciona, quantias meramente simbólicas.

Para tornar possíveis estas actividades da Associação, conta-se, para além dos donativos que os cooperadores e amigos do Opus Dei proporcionam, com o contributo dos sócios da Obra, que a elas

destinam parte do dinheiro que ganham mediante o seu trabalho profissional. Cifra-se em cerca de duas mil o número das pessoas que colaboram na realização dos fins apostólicos da Associação no nosso país, através da oração, do trabalho e donativos.

MISSA NOVA DE UM MÉDICO

Na Sé Nova de Coimbra, celebrou, no passado dia 29 de Agosto, à tarde, Missa Nova o Rev.º Doutor José António dos Santos Veloso, de 30 anos.

O novo sacerdote é natural de Coimbra e filho da Sra. D. Susana Ferreira Veloso e do Sr. Dr. Amadeu dos Santos Veloso, delegado de Saúde de Porto Alexandre — Angola.

Em Coimbra fez o Rev.º Dr. Santos Veloso o curso do Liceu e os três primeiros anos da Universidade, vindo a licenciar-se na Faculdade de Medicina de Lisboa, em 1965, com a defesa da tese «Hemoptises de ponto de partida indeterminado».

Enquanto estudante participou activamente nas actividades desportivas e culturais da Universidade, quer em Coimbra (Associação Académica, Orfeão Académico, C. A. D. C. etc.) quer em Lisboa, onde foi membro da Direcção da Residência de Estudantes das Avenidas.

Durante os vários anos em que residiu no estrangeiro, dedicou especial atenção aos estudos de Psicopedagogia e dirigiu cursos de Métodos de Estudo e de Organização do Trabalho Intelectual para estudantes liceais e universitários.

Na Universidade de S. João de Latrão em Roma, doutorou-se em Teologia com a defesa da tese «A Configuração com Cristo no Sacramento da Iniciação Cristã segundo Santo Ambrósio».

O Rev.º Doutor Santos Veloso, que é sócio do Opus Dei, recebeu a ordenação sacerdotal, no dia 15 de Agosto, juntamente com mais 28 sócios daquela Associação, entre os quais um outro português, o Eng. Jorge Margarido Correia, e um sócio brasileiro, o Dr. Pedro Barreto.

À solene cerimónia na Sé Nova assistiram familiares e antigos colegas do novo sacerdote, muitos naturais de Coimbra e muitas outras pessoas de algum modo ligadas às actividades apostólicas do Opus Dei em Portugal. Foi presbítero assistente o Reitor da Sé Nova, Rev.º P.º Manuel Alves, e padrinho de capa Monseñor Joaquim Cunha.

Encontrava-se também presente o Conselheiro do Opus Dei em Portugal, Rev.º Dr. António Barbosa, e vários outros sacerdotes da Associação.

A homilia foi pronunciada pelo Rev.º Dr. Hugo de Azevedo, o primeiro português sócio do Opus Dei que recebeu a ordenação sacerdotal (há exactamente 16 anos, em Coimbra, das mãos do Senhor D. Ernesto Sena de Oliveira).

O Doutor Hugo de Azevedo salientou nas suas palavras a sublimidade da missão do sacerdote, que pela ordenação recebe a capacidade de renovar *in Persona Christi* o Sacrifício do Altar. Incitou os sacerdotes a dedicarem todas as suas energias e tempo à actividade sacerdotal. «Os sacerdotes — como escreveu Mons. Escrivá, Fundador do Opus Dei — devemos falar apenas de Deus. Não devemos falar de política, nem de sociologia, nem quaisquer assuntos que sejam alheios à nossa actividade sacerdotal. Desse modo, faremos com que se ame a Santa Igreja e o Romano Pontífice. Pela vossa experiência pessoal aprendestes, e tende-lo vivido sempre, que o Opus Dei nada tem a ver com questões políticas, sociais, económicas, etc. Sabeis perfeitamente que o Opus Dei nada faz que não seja directo e imediatamente espiritual e apostólico, e que todas as suas actividades se realizam publicamente e dentro do âmbito das leis civis de cada país. Experimentastes constantemente com quanta delicadeza se respeita a vossa liberdade e a dos demais, nessas matérias opináveis, nas quais cada um deve decidir em consciência: segundo a sua consciência, não segundo a de outrem.»

tentasse escapar-se. Condenou à morte pela fome e pela sede dez prisioneiros da Polónia. Um deles, um sargento, chorava e gemia, ao recordar-se da sua mulher e filhos. O Padre Maximiliano ofereceu-se então heróicamente para morrer em vez dele.

A troca é aceite e o Padre lá vai com os outros nove companheiros para a cela da morte. Ainda o ouvem murmurar baixinho:

— *Minha Rainha e Senhora! Minha Mãe! Mãezinha, cumpri a vossa palavra? Eu tenho confiança em Vós. Não me desampareis.*

Os condenados entram para o calha-boiço. Desde então, não haverá para aqueles dez infelizes, nem para os companheiros dos compartimentos pegados, uma migalha de pão nem uma gota de água.

Mas estes últimos condenados não são como os outros. Não urram, não maldizem, não gritam, mas rezam e cantam em honra de Maria Imaculada, primeiro com voz timbrada e forte; depois, com voz cada vez mais adelgada, devido à fraqueza que os oprime.

Conta o intérprete polaco:

«*Uviam-se todos os dias sair daquela cela orações e cantos. As fervorosas orações e hinos a Nossa Senhora espalhavam-se por todo o subterrâneo. Começava o Padre Maximiliano e os outros respondiam.*»

O comandante precisava daquela cela para novas vítimas. No dia 14 de Agosto, entrou acompanhado por um enfermeiro alemão para matar com uma injeção os quatro a quem ainda restava um fiozinho de vida. O Padre, sentado por terra, reza baixinho à Senhora do seu coração, a Imaculada Mãe de Deus. O líquido venenoso penetra e o santo sacerdote expira. Eram 12 horas e 40 minutos do dia 14 de Agosto, véspera de Nossa Senhora da Assunção, do ano de 1941.

O intérprete polaco encontra pouco depois, no meio dos outros mortos, o cadáver do Padre, sentado no chão, encostado ao muro, de olhos abertos, a cabeça inclinada para o lado, espelhando-se no seu rosto sereno e puro uma alegria celeste. O seu corpo, como de todos os outros, foi lançado nos pavorosos fornos crematórios, que durante vários anos arderam, dia e noite, a queimar carne humana.

O sargento que escapou à morte devido à heróica caridade do P.º Maximiliano, louco de Maria e Mártir de Cristo, tem agora 69 anos de idade e vive, reformado, com a mulher, na sua modesta casa da Polónia.

P.º Fernando Leite

Agradecem a Nossa Senhora graças não especificadas:

Maria Carolina Azevedo, S. Vicente.
Carmina Isabel Miller Soares, Aveiro.
Zulmira Gonçalves Moreira Rodrigues, Vila Nova de Gaia.
Isabel da Costa, Dardaz, Tondela.
Cecília de Jesus Mestre, Faro.
Rosalina da Mota Medeiros, Santa Maria, Açores.
Rosalina Oliveira Soares Loubet, Lisboa.
Maria de Santa Filomena Barcelos Manco, Açores.
Antónia Gaspar Carvalho, Rebordelo.
Américo Domingues Miranda, Samora Correia.
Maria Rosa, Gaula, Madeira.
Hipólito B. Fernandes, Vila Nova da Barónia.
Cesaltina Rosa Alves, Coimbra.
Filomena Adelina Conceição, Cedros, Faial, Açores.
Maria da Glória, Pico, Açores.
Isabel Neves Garcia, Pico, Açores.
Maria Santa das Neves, Pico, Açores.
Maria Carolina Ferreira da Cunha, Porto.
José Manuel Marques, Murça, Trás-os-Montes.
Armindo de Magalhães, Cabeceiras de Basto.
António Ferreira de Matos, Boticas, Trás-os-Montes.

O Rosário é a grande oração universal

O vosso Rosário ensina-vos a piedade religiosa mais simples e popular, ao mesmo tempo que é a mais séria e mais autêntica. Aprendeis com ela a unir a oração à vida comum de cada dia; santifica as vossas amizades e ocupações, habitua-vos à união das palavras da oração com o pensamento, a reflectirdes sobre os mistérios do Rosário. Aparecem esses mistérios, uns após outros, em quadros e cenas, levando-vos à visão imaginativa dos factos que tais mistérios lembram, à história da vida de Jesus e de Maria, e à compreensão das verdades mais sublimes da nossa religião.

É o vosso Rosário uma escada que muito suavemente subis juntos para irdes ao encontro de Nossa Senhora, o mesmo é dizer, de Jesus. É esta uma das características do Rosário, a mais importante e de todas a mais bela; o Rosário é uma devoção que, por Maria, nos leva a Jesus Cristo. Ele é o fim dessa invocação longa e repetida feita a Nossa Senhora. Fala-se a Maria para se chegar a Jesus. Ela, a Mãe de Deus, foi quem O trouxe ao mundo; é Ela que nos leva a Jesus, se nós Lhe formos fiéis.

S. S. PAULO VI